

Pereira de Santana, Doralice; Moura Aguiar, Marília Ana de

Peleja virtual: um novo gênero do discurso

IV Coloquio Argentino de la IADA

1 al 3 de julio de 2009

*Pereira de Santana, D.; Moura Aguiar, M. (2009). Peleja virtual: um novo gênero do discurso. IV Coloquio Argentino de la IADA, 1 al 3 de julio de 2009, La Plata, Argentina. Diálogo y diálogos. EN: Actas del IV Coloquio Argentino de la IADA : Diálogo y diálogos. La Plata : Universidad Nacional de La Plata. En Memoria Académica. Disponible en:
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.11153/ev.11153.pdf*

Información adicional en www.memoria.fahce.unlp.edu.ar



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons
Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

PELEJA VIRTUAL: UM NOVO GÊNERO DO DISCURSO?

Doralice Pereira de Santana

Universidade Católica de Pernambuco | Brasil
doralices@gmail.com

Marígia Ana de Moura Aguiar

Universidade Católica de Pernambuco | Brasil
marigia@hotmail.com.br

Resumen | Resumo

Apoyado en el concepto de géneros del discurso, y en el principio de la transmutación de los géneros existentes en nuevos géneros, tal como postulados por Bakhtin (2003), se investiga aquí, el surgimiento de un nuevo género: la “pelea virtual”, partiendo de la observación y del análisis de esta nueva práctica discursiva de la poesía popular del Nordeste Brasileño. Poetas cordelistas que antes solo producían folletos de la literatura de cordel, hacen poesía ahora en el ciberespacio, aunque usando las mismas estrategias de textualización con las cuales desarrollan versos en los libretos tradicionales, haciendo uso de una nueva tecnología: la Internet. Ellos se desafían como lo hacen en las peleas tradicionales, produciendo versos de improvisación en tiempo real, los cuales rompen con la oralidad del “repente”, y con la escritura de los folletos, puesto que lo hacen en hipertexto. Así, recurren a las mismas modalidades ya conocidas por los cantadores que improvisan las peleas de las Cantorías de Viola, (martillos, galopes, sextillas, etc.), para crear sus versos con la escritura digital. Para explicarlo es necesario el aporte teórico de Marcuschi y Xavier (2005) que se ocupa del hipertexto y de los géneros digitales emergentes, así como Marcuschi y de Dionísio (2005) que analiza las marcas de interactividad, la multimodalidad discursiva y las relaciones interpersonales en la producción textual.

Apoiado nos conceitos bakhtinianos de discurso e gêneros do discurso, e no princípio de transmutação dos gêneros existentes para dar origem a outros com características próprias, também postulado por Bakhtin (2003), este estudo busca responder à questão relativa ao surgimento de um novo gênero, a peleja virtual, a partir da observação e análise de uma nova prática discursiva no domínio da poesia popular nordestina. É fato que poetas cordelistas, antes apenas produtores dos folhetos de literatura de cordel, vêm criando, nos últimos anos, o hábito de reunirem-se no espaço cibernético com o objetivo de produzir poesia, utilizando, para tanto, as mesmas estratégias de textualização com as quais desenvolvem os versos nos tradicionais livretos, e por outro lado, fazendo uso de uma nova tecnologia: a *internet*.

INTRODUÇÃO: A PELEJA VIRTUAL

No ano de 2007, a jornalista Maria Alice Amorim apresentou ao Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, a sua dissertação de mestrado intitulada *No visgo do improvisado ou A peleja virtual entre cibercultura e tradição*. Em seu trabalho, ela inaugurou no meio acadêmico a expressão *peleja virtual* para denominar um fenômeno que fora assim designado pelos seus criadores. Segundo Amorim

(2007), em 1997, o cordelista pernambucano José Honório tomou a iniciativa de convidar alguns colegas para desafios na internet lembrando as tradicionais pelepas, os quais aconteciam, a princípio, por e-mail e, mais tarde, nas salas de bate-papo. A versão tradicional das pelepas consiste em um cordelista criar uma contenda entre dois cantadores de viola, e usando as estratégias de textualização orais já conhecidas dos cantadores de repente, escrever uma história de desafio em verso entre dois conhecidos (ou imaginários) repentistas. Ao contrário do que se imagina, nada há de improvisado nas pelepas, uma vez que elas são criações dos poetas cordelistas que as escrevem com o tempo e dedicação necessários à produção escrita, buscando imitar a perfeição métrica dos repentes da cantoria de viola. Esses, sim, acontecem de improvisado, no calor da interação com o parceiro e com a plateia e bem marcado pelo ritmo das violas bem afinadas.

Nesse contexto, a peleja virtual surge como uma nova maneira de fazer as pelepas, interagindo de modo síncrono (em salas de bate-papo) ou quase-síncrono (por e-mail ou no Orkut). O que acontece no espaço cibernético da internet, nem sempre é posteriormente publicado em folheto de cordel, o que nos remete à cantoria que, por sua vez, não é sempre transformada em cordel, e fica, na maioria das vezes, restrita ao momento da criação, a menos que algum interessado recorra a um meio de registro como gravadores, filmadoras etc. Entende-se cantoria e cordel como dois gêneros textuais com características próprias, situados, respectivamente, nos domínios da oralidade e da escrita (Santa-ana; Morais y Aguiar, 2008).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: DISCURSO, GÊNEROS E HIPERTEXTO

A proposta deste trabalho é observar a peleja virtual no contexto de uso da língua, e para tanto, é necessário refletir sobre as concepções de discurso e de gêneros do discurso que fundamentam esta investigação, além da noção de hipertexto e gêneros hipertextuais, que, particularmente, interessam ao entendimento da peleja virtual no contexto de uso da língua no ambiente internet.

Nesse sentido, partimos de Bakhtin (2003) quando afirma que todos os campos da atividade humana estão ligados à linguagem e seu uso, ou seja, na corrente do discurso, ou da atividade discursiva, para compreender como e por que abordar essa questão a partir do domínio literário da poesia popular, como campo da atividade humana no qual a linguagem se concretiza. Segundo este raciocínio, Bakhtin aponta os gêneros do discurso como sendo *tipos relativamente estáveis de enunciados* (Bakhtin, 2003: 262) elaborados por cada campo de utilização da língua, sendo a diversidade de gêneros infinita, do mesmo modo que são inesgotáveis as possibilidades da atividade humana. Além disso, cada campo de atividade desenvolve um repertório de gêneros que cresce e se diferencia à medida que a atividade se complexifica num determinado campo. Por outro lado, em função da heterogeneidade dos gêneros do discurso e devido à sua abrangência, o lingüista russo observa que não se pode ter um só plano de estudo para eles, e o que se tem notado desde a Antiguidade é que esses gêneros têm sido estudados da perspectiva de um corte de sua especificidade artístico-literária, e não levando em conta a questão lingüística geral do enunciado e seus tipos. Por essa razão, adverte, ainda, sobre a necessidade de se fazer clara a diferença essencial (não funcional) dos gêneros primários (simples) e secundários (complexos).

Para Bakhtin, os gêneros oriundos da atividade artística, predominantemente escritos, são gêneros secundários, pois incorporam e reelaboram os gêneros primários, formados

nas condições de comunicação discursiva imediata. Desse modo, concordamos com a posição bakhtiniana de que sem a investigação lingüística do material concreto da língua, que se forma no interior do discurso, dos enunciados e seus tipos, sejam eles orais ou escritos, as relações da língua com a vida se debilitariam, pois, segundo ele, é através dos gêneros do discurso que *a vida entra na língua* (Bakhtin, 2003: 265).

E, ao entrar na língua, a vida se faz representar a partir das práticas sociais nela organizadas pelos sujeitos que as vivenciam, constituem e recriam. Quando essas práticas ocorrem em ambiente virtual, diz-se que se faz a partir do hipertexto que aqui é entendido como em Xavier (2002: 26):

[...] consideramos Hipertextos apenas os dispositivos “textuais” digitais multimodais e semio-lingüísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) que estejam on-line, isto é, os que estejam indexados à internet, reticuladamente interligados entre si e que possuam um domínio URL ou endereço eletrônico, na World Wide Web.

Assim sendo, novas formas de relações sociais virtuais são estabelecidas no espaço cibernético, com base na interação entre seus usuários através da escrita digital, nesse novo espaço de enunciação. Deste modo, se em cada campo de atividade existem e são empregados gêneros que correspondem às suas condições específicas, no dizer de Bakhtin (2003), é natural que o uso da internet gere gêneros que atendam às condições específicas que o ambiente cibernético abriga.

Para Bakhtin, os gêneros do discurso são primários (simples) ou secundários (complexos) conforme as condições culturais de convívio em que surgem. Os secundários são predominantemente escritos e abrigam em si os primários, reelaborados em sua constituição. São gêneros secundários aqueles elaborados nas esferas artística, científica, sociopolítica etc.

Assim, além da transmutação naturalmente sofrida pelos gêneros primários ao serem absorvidos na corrente dos secundários, há outro nível de transmutação presente na formação de novos gêneros do discurso. É o caso do advento de novas tecnologias, as quais interferem na natureza do gênero, a exemplo do que acontece nas sociedades com

escrita, a partir de seu surgimento, tendo sofrido transmutações de diversos gêneros para atender às especificidades do novo modo de produção discursiva, o uso da internet, sobre o que já se podem ver estudos como o que mostra a transmutação da conversa espontânea em *chat* nas salas de bate-papo virtual (Marcuschi y Xavier, 2004).

Nesse caso, segundo Marcuschi (2004), é o quadro que forma a noção do gênero que se modifica e não a sua estrutura propriamente dita. De fato, é o gênero que muda. Os novos gêneros apresentam formas diferenciadas e próprias, apesar de terem contrapartes em gêneros prévios (Marcuschi, 2004).

METODOLOGIA

Para atender ao objetivo de identificar a peleja virtual como um gênero digital emergente, foram analisadas duas dessas pelejas virtuais, sendo uma com a participação de dois poetas que se desafiaram voluntariamente com o intuito de contribuir para esta investigação, e outra peleja com a participação de vários poetas que interagem a título de lazer. Ambas ocorreram na rede virtual de relacionamentos, Orkut, nas comunidades Meta-

morfoses, cordel e poesias¹ e A arena virtual,² respectivamente. Esse *corpus* foi selecionado visando ao reconhecimento do gênero em situação natural de uso, para então observar os aspectos que indicam a transmutação do gênero socialmente identificado como peleja na literatura de cordel em peleja virtual. Além disso, olhar o gênero em construção permite visualizar a multimodalidade que configura esse gênero hipertextual com suas particularidades, suas estratégias de textualização e a interatividade presente no processo de produção discursiva.

ANÁLISE DOS DADOS

Para fins de identificação, serão chamadas adiante PV1, a peleja virtual de título COMPADRE LEMOS CONVIDA DAMIÃO METAMORFOSE, entre dois poetas, ocorrida na comunidade do Orkut Metamorfoses, cordel e poesias, e PV2 a peleja virtual intitulada BATA EM MIM Q EU QUERO VER (sic), com a participação de vários poetas, ocorrida na comunidade do Orkut A arena virtual.

A PV1³ acontece ora de forma síncrona, ora quase-síncrona. Em alguns momentos da peleja, os poetas deixaram suas estrofes, sempre obedecendo a um mote⁴ que guiará a modalidade⁵ a ser construída; e a resposta a essas estrofes nem sempre ocorreu imediatamente, podendo ser respondidas horas ou até dias depois. Em alguns momentos, na maioria, a resposta foi imediata, o que denota uma comunicação síncrona, *online*. Vejamos os exemplos:



Compadre Lemos

4 set
começando:

Em Sextilhas - Estrofes de seis versos heptassílabos, com rimas em X A X A X A:

Ao responder, por favor, observe a **deixa** e repita, na sua estrofe, a mesma numeração da minha.

1
Meu Compadre Damião,
Um convite te fazemos:
Vamos testar a coragem
E mostrar o que sabemos,

¹ <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=28562031>

² <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=14870487>

³ Peleja Virtual “COMPADRE LEMOS CONVIDA DAMIÃO METAMORFOSE” Comunidade Metamorfoses, cordel e poesias – Orkut:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=28562031&tid=5242114284645447689&na=4>

⁴ Enunciado composto de dois versos metrificados com o mesmo número de sílabas poéticas e posicionamento das rimas e das sílabas tônicas exigidas para a textualização da modalidade sugerida.

⁵ Assim denominam os estilos poéticos usados no cordel e na cantoria, como as sextilhas, septilhas, galopes, martelos etc. conforme a metrificação e outras características.

Se é que tu não tens medo
De enfrentar Compadre **Lemos!**

Compadre Lemos.

www.compadrelemos.com



4 set

D, MetAMORfose

2
O medo nós já sabemos,
Todo ser humano tem.
De você não tenho medo,
Seu que é homem de bem.
Eu quando estou com razão,
Provoco medo também.



Compadre Lemos

4 set

3
O Poeta chega e vem
Falando de muito medo.
Seu verso é faca amolada,
Mas desvendo o seu segredo:
Com apenas uma rima,
Te mando para o degredo!

E vamos que vamos, Compadre!



D, MetAMORfose

4 set

No 4º verso da estrofe anterior, o correto é; Sei que é homem de bem.
Peço desculpas ao leitor por esse vacilo, vamos botar pra moer compadre.

4
Já conheço o seu enredo,
Costuma ganhar no grito.
Feito um jogador de truco,
Deixa o oponente aflito.
Só que aqui é cantoria,
Comece a cantar bonito.



Compadre Lemos

5 set

5

Verso feito, não repito,
Bonito meu verso é!
Mas, continuo cantando,
Só pra te pisar no pé!
Sabe quem cantou comigo?
Patativa do Assaré!...

Simbóra, Compadre!...

Observem que, no trecho acima, essa peleja virtual, construída com base numa comunicação bilateral,⁶ começa com a sugestão do primeiro poeta sobre a modalidade a ser construída, indicando o número e tipo de versos e a posição das rimas nas estrofes. Dadas essas características, é esperado do segundo poeta total compreensão e resposta adequada, de acordo com o *tipo relativamente estável* de enunciado que se propõem produzir.

No enunciado: *Ao responder, por favor, observe a deixa e repita, na sua estrofe a mesma numeração da minha*, além de marca evidente da interatividade que constitui a peleja virtual como gênero, pode-se afirmar que, em comparação com a peleja do cor-dei, esse tipo de indicação é uma marca de transmutação do gênero, uma vez que não é necessário que se faça observações nesse sentido na peleja tradicional, normalmente escrita por um só poeta que imagina uma real contenda entre dois desafiantes. Essa característica da interação real, embora numa relação virtual, entre dois desafiantes, é uma particularidade da peleja virtual que lhe atribui juntamente com outras particularidades, o estatuto de gênero do discurso.

Na quarta estrofe, o segundo poeta faz uma correção: *No 4º verso da estrofe anterior, o correto é: Sei que é homem de bem...*, recurso que constitui mais uma peculiaridade da peleja virtual. Ao observar a interação do ponto de vista do tempo, nota-se que, nas primeiras quatro estrofes, houve uma comunicação síncrona entre os dois poetas, o que significa que ambos estavam *online* no início da peleja e interagiram em tempo real. Já a quinta estrofe apenas surgiu com a resposta do primeiro poeta, no dia seguinte ao início do desafio. Outra propriedade da peleja virtual, a multimodalidade discursiva de que fala Dionísio (2005), está presente na composição do texto enquanto elaboração em ambiente hipertexto. Considerem-se aqui as fotografias dos interactantes, os apelidos por eles usados para identificarem-se, incluindo aí a forma de escrita a exemplo do nome MetAMORfose, que destaca dentro do substantivo outro substantivo AMOR, além da indicação de data da produção, numeração das estrofes e *web site* de um dos participantes, apresentado no formato de *link*, o que permite o acesso a outros textos no ambi-

⁶ Um dos vetores de análise de gêneros em Marcuschi (2008), além da comunicação multilateral e da comunicação síncrona x assíncrona.

ente *internet*. Já em PV2⁷, observa-se, segundo o exemplo a seguir, que a comunicação é multilateral. Vários poetas participam na construção do desafio:

BATA EM MIM Q EU QUERO VER

Início > Comunidades > Música > A ARENA VIRTUAL > Fórum: >Mensagens



07/12/07 Djair

BATA EM MIM Q EU QUERO VER

faço repente de qualidade
usando a força da mente
ninguém supera o meu repente
essa é a mais pura verdade
da show é minha especialidade
minha diverção e vencer
não sei nem o q é perder
ainda mais pra repentista ruim
fazer o q se sou assim

BATA EM MIM Q EU QUERO VER

E... quero v quem faz melhor q esse



9 jan .'.PETRONILO

Francamente, amigão
Sua qualidade é péssima
Pra se fazer verso em décima
Use a metrificação
Veja só que confusão
Mas eu não vou lhe bater
Só peço pra você ver
Como se faz um cordel
Lendo as regras no papel
BATA EM MIM Q EU QUERO VER

Aproveite e dê uma espiadinha nesse tópico:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=36861089&tid=2549243974876067849&start=1>

⁷ Peleja Virtual “BATA EM MIM Q EU QUERO VER” Comunidade A Arena Virtual–Orkut:
<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=14870487&tid=2570399360377189746&start=1>



2 fev Cego

Ceguei Pra peleja

Ô povo fraco na rima
E também no conteúdo
E como não me iludo
Rimo em baixo, rimo em cima
Pois a poesia afirma
Que fracote você vai ser
Pois só quer se aparecer
Eu vou te jogar no chão
E rancar teu coração
BATA EM MIM Q EU QUERO VER!!

E aí? Diretamente da terra do oxente!!
respondam se forem capazes!
Inté + V!
Cego Zézim



9 jun netinho

Falando de erro alheio
o poeta errou na rima:
"afirma" rimar com "cima"?
Há aí um erro feio!...
Não obstante esse enleio,
venho em poema dizer:
que quem quiser me vencer,
me enfrentando nessa arena,
não apanha se eu tiver pena!
Bata em mim que eu quero ver!



12 ago Flor

Me desculpe meu amigo
Se assim posso chamar,
Pois não quero badernar
Quero um pouco deste abrigo.
Não quero ser inimigo
Nem quero vir te bater

Quero mesmo me atrever
A fazer um bom cordel
Nem que apanhe de papel...
BATA EM MIM Q EU QUERO VER!!



11 set Paulo de Tarso-

BATA EM MIM Q EU QUERO VER
Não sou melhor que ninguém,
Sou humilde menestrel
Cumpridor do meu papel
Mas gosto de escrever bem
Os meus versos vão além
Vivem no mundo a correr
Escrevo pro povo ler
E aqui do meu Ceará
Na minha linda TAUÁ
BATA EM MIM Q EU QUERO VER.



20 set Adriano Villa

Não conheço nada
Sou novo na estrada
To entrando de primeira
Torcendo para ser certa
Mas não conheço metrificação
É alguma estação?
Por isso peço perdão
Sou marinheiro de primeira mão
Aceito sermão para aprender
Bata em mim que eu quero ver.



25 set (4 dias atrás)

Anônimo

Pra fazer verso medido
tem que elaborar cantando
pois assim elaborando
é tão fácil e divertido
É o jeito preferido
para quem quer aprender

Se você não entender
desista de ser poeta
Se eu te chamar de pateta
bata em mim que eu quero ver !

Observando esta segunda peleja virtual, percebe-se a riqueza de estratégias próprias de textualização desse gênero emergente que agrega elementos da fala e da escrita e se forma na transmutação de um gênero já existente, a peleja da literatura de cordel, agora atendendo aos apelos de uma nova tecnologia, a escrita digital da *internet*, que passou a substituir o suporte tradicional das pelejas, o folheto de cordel. PV2 tem em comum com PV1 a multimodalidade, as marcas de interatividade e as marcas de transmutação de gênero. No entanto, de forma particular, acontece de maneira assíncrona: observando-se as datas das produções, percebe-se que as respostas aconteceram com diferença de dias e até mesmo de meses de uma para outra.

Por outro lado, pode-se observar em PV2 que a variação lingüística é mais evidente, e não há auto-correções. A preocupação com a questão da métrica e com o uso da língua padrão não é acentuada como em PV1, até porque não há o interesse em mostrar algo para ser estudado. A função sociocomunicativa de PV2 é meramente recreativa. Assim, o título BATA EM MIM Q EU QUERO VER, remete ao propósito comunicativo dos desafios de cantadores: uma metáfora para representar o ato de derrotar o adversário construindo versos melhores que os seus.

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Através desta investigação, corroboramos o postulado de Bakhtin sobre transmutação sobre transmutação dos gêneros do discurso, que surgindo em realidades de práticas discursivas diversas, abrigam e modificam gêneros já existentes, dando origem a novos *tipos relativamente estáveis de enunciados*, elaborados num novo campo de utilização da língua, o hipertexto, uma vez que admitimos ter a peleja virtual, o estatuto de gênero digital emergente, tal como entendido em Marcuschi y Xavier (2004).

Entendemos que esse novo gênero constitui-se de elementos que vão além das estratégias de textualização comuns à sua contraparte na peleja do cordel, mas também de uma multimodalidade discursiva que é própria dos gêneros do hipertexto e se faz a partir de fotografias, *links*, apelidos escritos de maneira particular que carregam sentidos expressos em suas formas visuais, indicações da data de produção e publicação da estrofe etc.

A comunicação pode se dar de maneira bilateral ou multilateral nas pelejas virtuais conforme o número de participantes que pode ser limitado a dois, sendo necessário, para isso, uma indicação específica na abertura do desafio, ou livre à participação de todos os membros da comunidade virtual, que, nesse caso específico, são cordelistas ou admiradores da literatura de cordel.

Finalmente, encerramos aqui, provisoriamente, essas reflexões, deixando uma questão a ser investigada. Uma vez que a peleja virtual é identificada como um gênero discursivo que carrega marcas de oralidade, sendo ainda um gênero escrito (digital), como se dá na relação entre fala e escrita no *continuum* tipológico?

Referência Bibliográfica

- AMORIM, M. A. (2007). “No visgo do improviso ou A peleja virtual entre *cibercultura e tradição*”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC.
- BAKHTIN, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- FAIRCLOUGH, N. (s.d). *The dialectics of discourse*. Mimeo.
- MARCUSCHI, L. A. (1996). *Por uma proposta de classificação dos gêneros textuais*. UFPE. Mimeo.
- MARCUSCHI, L. A. (2007). *Fala e escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- MARCUSCHI, L. A. y A. P.DIONISIO (2005). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MARCUSCHI, L. A. y A. C. XAVIER (2004). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- SANTANA, D. P., M. D. MORAIS Y M. A. M. AGUIAR (2008). *Aproximações e distanciamentos no continuum fala/escrita da poesia popular*. XXII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, Maceió.
- SANTANA, D. P. y M. A. M. AGUIAR (2008). “Peleja Virtual: um novo gênero do discurso?”, *Revista Investigações*, vol. 22. Recife: Editora Universitária da UFPE.